



EXTREMA DIREITA EM XEQUE

MAIS COMPAIXÃO, MENOS POPULISMO MERKEL SE FORTALECE COM GESTÃO DA PANDEMIA E REFUGIADOS INTEGRADOS



BRUNO ABBUD
Especial para O GLOBO
internacio@oglobo.com.br
BERLIM

Trinta anos depois de Helmut Kohl assinar a reunificação da Alemanha, a chanceler Angela Merkel, que tem uma foto do antecessor pendurada na parede do gabinete, testemunha um novo tipo de união: a de eleitores que rejeitam o populismo da extrema direita e se inclinam para o centro, onde, no espectro político, está o seu partido, a União Demócrata Cristã (CDU).

A menos de dois meses de completar 15 anos à frente da maior economia da Europa, Merkel passou o último terço dos quatro mandatos enfrentando críticas por ter recebido mais de um milhão de refugiados em 2015, a maioria do Oriente Médio e da África. Mas, segundo pesquisadores, o que parecia um pesadelo se transformou em benefício político.

Graças à integração de uma multidão de imigrantes ao mercado de trabalho alemão e à gestão da pandemia da Covid-19, Merkel, que parecia ofuscada pela oposição acirrada da ultradireita, agora surge com potencial de, no ano que vem, eleger um sucessor de seu partido.

Em 2015, a frase da chanceler em referência aos refugiados — “Wir schaffen das” (Nós vamos cuidar disso) — deu munição aos críticos. Disseram que a afirmação incentivaria milhares de imigrantes a ocupar o país, a violência aumentaria e atentados terroristas ocorreriam em cada esquina. Não foi bem assim.

Criado em 2013, o partido de extrema direita Alternativa para a Alemanha (AfD) angariou eleitores com um discurso anti-imigração e, dois anos depois, elegeu a terceira maior bancada no Parlamento. A popularidade de Merkel despencou.

MENOS MEDO, MAIS ESTADO

Nos últimos cinco anos, a população de refugiados aumentou 157%, de 700 mil para 1,8 milhão, segundo dados oficiais — mas ao contrário do que pregava a oposição, 55% dos que chegaram em 2015 e permaneceram por cinco anos na Alemanha estão empregados e pagam impostos.

— Merkel estava certa — disse ao GLOBO o professor Herbert Brücker, diretor do Instituto para Pesquisa Empírica de Integração e Migração de Berlim (BIM). — A Alemanha foi capaz de usar o ambiente econômico favorável para integrar os refugiados mais rapidamente no mercado de trabalho do que em episódios anteriores, como o fim da Iugoslávia nos anos 1990.

Com a integração em boa marcha, o tema anti-imigração esfriou nos discursos de políticos da extrema direita. Para o cientista político Wolfgang Merkel, diretor do Centro de Ciências Sociais de Berlim (WZB), contribuiu para isso a redução no fluxo de refugiados que chegam ao país: de 1 milhão por ano em 2015 e 2016, passou para 200 mil nos anos seguintes.

— Isso reduziu o medo entre as camadas de baixa renda e ajudou a reduzir as atitudes populistas de direita na sociedade alemã. Duzentos mil refugiados e imigrantes por ano já não são mais considerados uma ameaça — disse Merkel, que não tem parentesco com a chanceler, ao GLOBO.

Um dos pontos de virada na popularidade de Angela Merkel também foi o trabalho bem-sucedido na pandemia, o que incluiu testes maciços e rastreamento de casos, além do apoio à criação de um fundo europeu para combater o impacto econômico do vírus na economia, uma virada em relação à posição de Berlim na

crise financeira de 2008.

— O Estado alemão provou ser forte e eficaz. Os populistas de direita precisam ter um Estado fraco que possam denunciar como uma espécie de Estado falido — diz ele. — No auge do lockdown, cerca de 90% das pessoas aplaudiram as medidas do governo. Gostaram da estratégia clara e antecipada para proteger vidas e diminuir as taxas de infecção. Na Alemanha, quanto mais duras as medidas foram, mais popular o político se tornou.

Os louros que a chanceler colhe foram constatados em um estudo divulgado em setembro, feito em parceria do WZB e da Fundação Bertelsmann, e que tem Wolfgang Merkel entre os autores. A pesquisa indicou eleitores mais resistentes ao populismo, definido como “uma ideia particular de democracia definida pela distinção entre o ‘povo verdadeiro’ e as ‘elites corruptas’, a noção de uma vontade comum do povo e a ideia de que a sociedade é homogênea”. A partir da definição, a pesquisa determinou três comportamentos para medir atitudes populistas: “antiestablishment, pró-soberania popular e antipluralismo”.

“Quanto mais os eleitores concordam com afirmações e posições correspondentes às três dimensões do populismo, mais populistas eles são”, diz o estudo, que entrevistou, em junho, 10.055 eleitores com oito frases — como “Eu preferiria ser representado por um cidadão a sê-lo por um político” ou “Questões importantes não deveriam ser decididas pelo Parlamento, mas por referendos populares”. Os entrevistados responderam se concordam ou não com cada frase.

O número de eleitores alemães que mostraram atitudes populistas diminuiu 36% em

tre novembro de 2018 e junho deste ano, caindo de 32,8% para 20,9% dos entrevistados. Os eleitores considerados não populistas aumentaram em 50% no mesmo período.

Também os partidos se tornaram menos populistas, concluiu a pesquisa. A CDU e o Partido Democrático Liberal (FDP) desistiram da estratégia de imitar a AfD para angariar os votos da ultradireita. Depois de se alinhar à AfD nas eleições no estado da Turíngia, o FDP viu sua rejeição aumentar em um terço.

— Muitas vezes os partidos aderem àquilo que lhes dá mais vantagem. Quando essa adesão não se harmoniza com a direção política, me faz duvidar da credibilidade deles — diz Thorsten Goerick, carpinteiro de 51 anos de Berlim, eleitor dos Verdes.

Entre os partidos de centro-direita e centro-esquerda — a CDU e o Partido Social-Democrata (SPD), integrantes da coalizão que governa o país, o FDP e os Verdes — o número de eleitores populistas encolheu de 34% para 23%.

ASCENSÃO ADIADA

Prova da recuperação da CDU, as eleições locais na Renânia do Norte-Vestfália, o estado mais populoso da Alemanha, em 13 de setembro, resultaram em 34,6% dos votos para o partido de Angela Merkel e apenas 5% para a AfD. Segundo o instituto de pesquisas Infratest Dimap, as intenções de voto na AfD caíram de 18% em setembro de 2018 para 10% neste mês, enquanto a CDU passou de 28% para 36%.

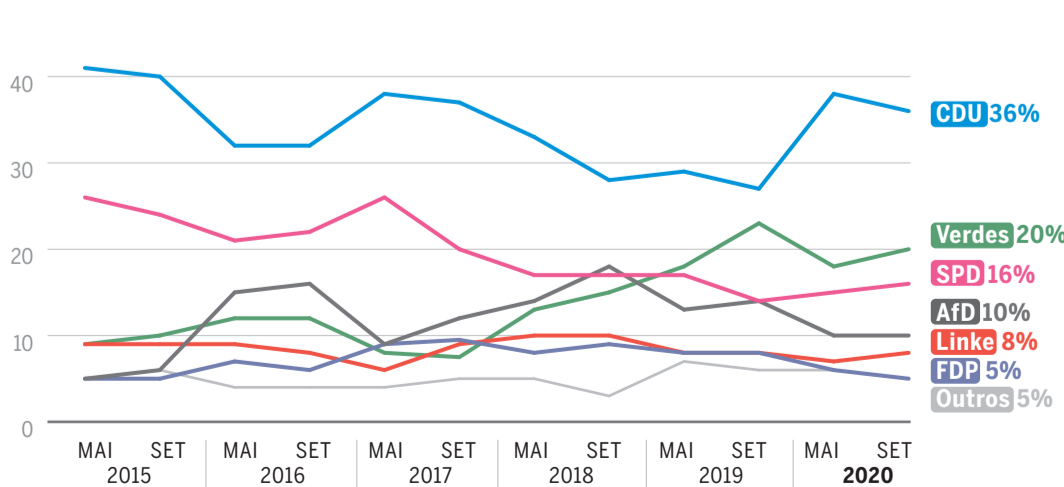
— O desempenho da AfD no Parlamento nacional e nos parlamentos estaduais é visto como bastante pobre pela maioria absoluta dos eleitores — afirma Wolfgang Merkel.

O cientista político diz que, apesar da má fase, o partido de extrema direita vem se radicalizando, o que gera conflitos internos. “A ascensão do populismo de direita foi adiada por enquanto. Há muitos indícios de que a tendência está se revertendo. No entanto, ainda é muito cedo para tirar uma conclusão final. A onda pode ter se dissipado, mas não diminuiu totalmente. Em outros países, está deixando democracias prejudicadas permanentemente pelo autoritarismo, e a tentação populista continua uma presença latente na Alemanha também”, afirma o estudo.

Datas. A pouco mais de um mês de completar 15 anos no cargo, em novembro, e no mês em que a reunificação alemã completa 30 anos, neste sábado, Merkel busca despedida por cima

AFD GANHOU FORÇA A PARTIR DE 2015, MAS ESTAGNOU

A evolução do apoio aos partidos alemães (em %)



Fonte: Instituto de Pesquisas Infratest Dimap

Editoria de Arte